

## 1918, A GRIPE ESPANHOLA APORTA NO RECIFE

Carlos Eduardo Romeiro Pinho

Mestre em História pela UFPE

O mundo no começo do século XX, teve que combater um inimigo invisível, o vírus da gripe, vírus este que se tornou epidêmico atravessando oceanos e atingindo a todos, independentemente de classe social.

O nome gripe vem do francês *gripper*, que significa agarrar prontamente. Enfermidade apelidada de Gripe Espanhola, por ter encontrado nas terras de Espanha local propício para se desenvolver. A Gripe Espanhola também foi chamada de Influenza, expressão surgida no século XVIII, quando na Itália, um surto de gripe foi relacionado à influência do frio, *Ifluenza di freddo*.

A historiografia recente discute a proveniência, o nascedouro, da Gripe Espanhola. Não teria a mesma se originado na Espanha e sim apenas se desenvolvido em decorrência das condições insalubres originadas no campo de batalha deste país.

Para alguns historiadores como Gina Kolata, em seu livro, *A História da Pandemia de 1918*, ainda são especulações e hipóteses. Algumas sugerem que a Gripe teria se desenvolvido, no Kansas, Estados Unidos da América. Segundo esta corrente, soldados alojados nesta região rural, ficaram em contato com porcos, foi a queima do esterco destes animais e a conseqüente nuvem negra provocadas, que transmitiu a doença.

O presente estudo procura tratar a história da gripe espanhola na cidade do Recife. O Corte temporal será os dois meses de setembro a dezembro de 1918. Setembro por ter sido o mês em que a epidemia chegou ao Recife e dezembro, mês em que o sanitarista Otávio de Freitas controla e põem termo a enfermidade.

Meses que provocaram uma verdadeira mudança nos hábitos da sociedade em geral. O espaço público que desde o fim do século XIX e início do século XX, era desbravado pela população, sobretudo a feminina, representaria um perigo para a saúde e a vida dos habitantes da cidade.

Não procuraremos nos deter nos aspectos de saúde, a não ser como apoio para práticas higienistas, que são constantemente aliadas ao desenvolvimento urbano.

Orlando Parahym descreve, no livro, *Traços do Recife Ontem e Hoje*, o aspecto popular do combate a doença no Recife, um exemplo é que as ruas do Recife foram tomadas pelo cheiro da criolina. Todos levavam consigo um a balinha de cânfora no bolso.

A primeira referência histórica de Gripe no Recife aparece no ano de 1890. Quatro anos depois, em 1894, outro surto aparece na capital. É dado em tão o nome geral a todas as gripes de caráter epidemiológico, de *Influenza*. Este surto rapidamente se alastrou pela cidade.

Com o fim da primeira Guerra Mundial, em agosto de 1918, espalha-se pelo mundo, principalmente em setembro, a pandemia gripal, que passou para os anais da história com o nome de **INFLUENZA ESPANHOLA**. Em outubro, a “Espanhola” surge no Recife. Assume, de logo, feição de epidemia grave. Cerca de 120.000 pessoas adoeceram, em uma população estimada em 200.000.

Embora o período mais grave da doença tenha ocorrido no mês de outubro, na capital do país já se tinha desde setembro, conhecimento da terrível enfermidade, como noticia o jornal “**A PROVÍNCIA**” na terça-feira, 17 de setembro de 1918, em tom irônico:

**“Não se assustem as esposas. Não se trata de uma invasão de Hespanholas, o que aliás seria preferível, mas da “moléstia hespanhola”.**

Como havíamos mencionado, foi mais forte em outubro, quando se notaram 1893 óbitos devidos à gripe. Tal cifra equiivalia a 70% da mortalidade geral no Recife, naquele mês.

A moléstia foi trazida a Pernambuco, através do vapor “*Piauhy*”, que chegou a capital no dia 25 de setembro de 1918. A Saúde do Porto constatou alguns casos de uma moléstia desconhecida em diversos tripulantes do navio. Essa doença apresenta os seguintes sintomas: Febre de 40 graus; prostração completa; falta absoluta de vontade de comer; abundância de catarro pelo nariz; vômitos; cor cadavérica e dor profunda, desde o pescoço até os quadris.

A moléstia veio até aqui da seguinte maneira: “Tocou no porto de Dakar, o “*Corcovado*”, procedente de Gênova e com destino a Macao, conduzindo um grande carregamento de sal para o Rio. Logo ao sair daquele porto .sentiram-se doentes trinta e cinco tripulantes do “*Corcovado*”.

No entanto não se deu nenhum caso fatal até o porto de Macao, no Rio Grande do Norte. Estando também atracado ali o “*Piauhy*”, da mesma Companhia, o Comandante do “*Corcovado*” resolveu transportar para aquele paquete quatro dos doentes que ofereciam maior gravidade. Chegado o “*Piauhy*” neste porto, a Saúde do Porto constatou que todos estavam atacados de uma moléstia desconhecida.

É editado pela Inspectoria de Saúde Naval, sediada na Capital Federal, uma nota dirigida ao inspetor da Saúde do Porto do Recife, na qual versava medidas profiláticas a serem adotadas nos navios da divisão naval. Segundo tais medidas, deveria-se fazer uso de água fervida ou destilada e arejada e, na sua impossibilidade de água chloruretada. Recomendava-se a destruição completa dos insetos e, finalmente, a substituição de bebidas geladas pela água com limão, não açucarada, além da mudança freqüente de roupas expurgadas, e de alimentos só os que forem cozidos, quer frutas e vegetais ou animais.

Além dessas medidas profiláticas ficou determinado que todos os navios, mesmo os que tiverem inspetor sanitário marítimo, de procedência européia, africana e asiática, embora já houvessem tocado em outro porto brasileiro, deverão ser atentamente visitados; todos os passageiros, principalmente os de terceira classe, examinados individualmente, para seleção dos doentes e suspeitos, de qualquer afecção, principalmente dos aparelhos respiratórios e gastro-intestinais.

Algumas receitas preventivas passaram a circular nos principais jornais. O preservativo, como era conhecido, consistia geralmente em sene, para desembaraçar o ventre(empregado ainda quando a moléstia manifestada), e o “*cognac*’ ou *Whisky*” com limão.

A conseqüência desta mistura foi que as farmácias não deram vencimento às infusões de sene, a todo momento solicitados; o Whisky, e Cognac, nos armazéns, e nos Cafés subiram de preços, e o limão atingiu um preço extraordinário. Os mais desfavorecidos de fortuna, que não podem acompanhar os preços do Whisky e do Cognac, entravam pela popular *cara Preta* com limão. E assim a população acreditava estar imune a tão fatídica doença.

Os órgãos sanitários locais aconselhavam, para evitar o mal, o afastamento de grupos e que se evitassem locais públicos.

A cidade pouco a pouco foi parando, um exemplo era a situação da “Tramway”, responsável pelo transporte urbano. Na empresa, cerca de 70 funcionários estavam atacados da influenza, os empregados que ainda não haviam sido acometidos da enfermidade, dobravam seus serviços por falta de quem os substituíssem. Os empregados que adoeciam eram tratados com a ajuda pecuniária, da “Caixa de Socorros”.

Na Great-Western”, a situação não era diferente, na secção de passagens estavam acometidos da doença 8 funcionários, no serviço de cargas, 10 homens estavam doentes, sem levar em conta o pessoal do tráfego de trens que eram substituído constantemente. Segundo o chefe de passagens e de expediente, João Leite, houve uma diminuição bastante considerável na utilização dos transportes de mercadorias pelo comércio, segundo suas palavras, havia todos os dias mercadorias suficientes para encher 4 “Wagons” diariamente e depois que a epidemia assolou, ele sentia dificuldade para encher um.

Críticas a atitude da Hygiene passaram a ser constantes, principalmente por esta insistir em não admitir a epidemia na cidade.

Aumentava dia a dia a intensidade da epidemia, um terço da população já havia contraído a doença. O aspecto da cidade mudou, poucos se aventuravam sair às ruas e principalmente freqüentar as casas de diversões, as que insistiam em permanecer abertas pois a maioria de seus funcionários estavam doentes.

Nas estações de trem, do Brum, Central e das Cinco Pontas, houve uma considerável diminuição do número de passageiros provenientes de Rio Branco, Paraíba e Alagoas, e as pessoas destes estados que teimavam vir a capital de PE, acabavam por adoecer.

Nas escolas Públicas e Particulares, a freqüência diminuiu em até 70%. Os chefes de família proibiam seus filhos de irem às escolas, pois sabiam o grave risco de contágio em lugares com aglomerações.

Por estar o tráfego da “Tranways” deficiente, por falta de empregados, muitas pessoas vinham à pé dos arrabaldes para o Recife, pois em certas horas se esperava por um bond 40 minutos, e ainda havia a incerteza de que eles parariam no poste.

A diretoria de higiene no dia 9 de outubro informou que as pessoas que precisassem de socorros médicos, por motivo de “Influenza”, basta que deixem seus nomes e residência na Secretaria da Diretoria de Higiene, que funcionava até às 20 horas, para que pudessem receber em casa visitas médicas, sendo-lhes aconselhados e distribuídos os necessários medicamentos.

O prefeito do município mandou suspender no dia 10 de outubro os trabalhos letivos das escolas do Recife.

No cemitério de Santo Amaro, um dos principais da capital pernambucana, no dia 12 de outubro, era grande a multidão que aguardava a chegada dos cortejos fúnebres. Os empregados não descansavam, pois grande era a quantidade de sepultamentos dos cadáveres que ali chegavam. a epidemia que estava matando a população da capital pernambucana.

A situação da epidemia chega a um ponto crucial com a morte no dia 13 de outubro do Dr. Abelardo Baltar, diretor da Higiene, que grassava apenas 34 anos. Assumindo a direção da referida repartição o Dr. Otávio de Freitas, a cujas medidas recebeu o mérito de ter debelado a epidemia.

A Província jornal declaradamente de oposição publica no dia 15 de outubro os seguintes versos que expressavam a situação pela qual passava a cidade e a esperança de fim da epidemia com a chegada do Dr. Otávio de Freitas:

A cidade tomou o cheiro de criolina. Toda gente levava uma balinha de Cônia no bolso. Para evitar a contaminação. Os jornais publicavam notas da Diretoria de higiene ensinando como tratar da influenza: Eurythimine Dethan, Injeções de Gayorsine, Xaropes para a tosse, fórmulas reconstituíntes, boa alimentação. Não eram esquecido os suadores (diaforéticos), nem comprimidos de quinino, nem a aspirina e o pironidon.

Na sede da Diretoria de Hygiene, á rua Conde da boa Vista, qualquer pessoa podia verificar, pelos atestados de óbitos dos cemitérios, o número de pessoas diariamente falecidas de gripe, este relatório passou a se publicado diariamente.

A Gripe é doença cosmopolita; universal. A pandemia de 1918, epidemia histórica, determinou, no mundo inteiro, um total de vinte milhões de vítimas.

O combate a epidemia, pelo higienista Otávio de Freitas, em pouco menos de um mês, conseguiu fazer o estado sanitário recuar aos seus limites normais.

O medo causado pela doença, transforma as relações sociais, até um aperto de mão é considerado como uma possível forma de contágio.

Neste período as pessoas que procuram os espaços urbanos sobretudo para o lazer são obrigadas a permanecer dentro de seus lares.

Bibliografia:

BAUSBAUM, Leôncio. História Sincera da República de 1889 a 1930. Rio de Janeiro: Liv. São José, 1957.

CALVINO, Ítalo. As Cidades invisíveis. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo de Carvalho. Os bestializados: O Rio de Janeiro e a república que não foi. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1987.

COSTA, Veloso. Medicina, Pernambuco e Tempo. Recife. UFPE, 1978.

FLORENTINO, Terezinha Aparecida Del. Utopia e realidade: o Brasil no começo do século XX. São Paulo. Cultrix (Brasília), 1979.

KOLATA, Gina Bari. Gripe: a história da pandemia de 1918.

Periódicos:

Diário de Pernambuco, 1918.

Jornal “A Província”, 1918.

Jornal Pequeno, 1918.

Ciência Hoje. Revista de divulgação científica da sociedade Brasileira para o Progresso da ciência. Vol.10, nº58, outubro de 1989.